

— | | —

— | | —

©CAPÍTULO
1

A natureza pessoal da Slow Reading

— | | —

— | | —



Parece que todos querem que leiamos comunicados. Nossa atenção é atraída de uma pequena informação para a seguinte. Não se pode dizer que isso pareça leitura. Dizemos que somos multitarefa, mas na verdade só podemos dar uma atenção razoável a uma coisa de cada vez. Vamos para trás e para a frente rapidamente, convocando nossos recursos cognitivos para um estímulo apenas para o largar pelo próximo. Na melhor das hipóteses, essa estratégia é ineficiente. Se pelo menos pudéssemos ler mais rapidamente, pensamos, poderíamos controlar tudo.

Um tema central deste livro é que frequentemente a leitura lenta é uma opção melhor para a compreensão e o prazer da leitura. No passado, a leitura era praticada apenas pelos poucos letrados, muitas vezes com caráter clerical, lendo-se reverentemente um livro sagrado. Mais tarde, nas huma-

JOHN MIEDEMA

nidades, os acadêmicos praticavam a leitura acurada para extrair o pleno significado de um texto. Nas salas de aula atuais, os educadores usam as técnicas de slow reading com alunos de todas as idades para aumentar as habilidades de ler e escrever e o prazer da leitura. Os métodos mais bem-sucedidos reconhecem o papel do voluntarismo na leitura. Slow reading não significa ler o mais devagar possível sempre, mas sim exercer o direito de desacelerar quando se quiser. O aspecto voluntário da leitura lenta permite uma relação pessoal profunda entre os leitores e sua informação.

Slow reading na religião e nas humanidades

A vida moderna leva-nos a ler desde a manhã até a noite – uma informação na embalagem do cereal, manchetes e meteorologia na internet, outdoors na margem da estrada, e-mails e torpedos no trabalho, a fatura do cartão de crédito entregue pelo correio. Levy (2001) contrasta esse estilo de leitura com o estilo mais contemplativo da leitura acurada ligada aos livros. O fato de a leitura acurada ter qualidades sagradas e reverentes não é novidade, pois os livros têm suas raízes no *codex*, adotado inicialmente pelas primeiras comunidades cristãs como veículo da bíblia. Levy pergunta-se se nós sentimos ressonâncias dos usos sagrados ancestrais dos livros. Ele alerta para o fato de que, até na cultura empresarial, é importante desenvolver a

capacidade da atenção sustentada preferivelmente à simples atenção consecutiva. Fazendo escolhas sobre os estímulos a que atendemos, podemos extrair da nossa experiência um significado maior.

Os livros da bíblia descrevem atos de leitura lenta na forma de bibliofagia: as pessoas comem simbolicamente um livro para adquirir a compreensão profunda de uma ideia espiritual (Peterson, 2006). No Velho Testamento, os profetas Ezequiel e Jeremias comeram livros por ordem divina, numa preparação para o seu papel como profetas. No Novo Testamento, um anjo disse a São João que comesse um livro, metabolizado depois como o seu *Livro das revelações*. Comer um livro simboliza a internalização profunda e pessoal de uma ideia, um ato íntimo que tem força transformadora. Ao contrário do consumo de informação dos tempos atuais, slow reading é uma jornada que nos transforma fundamentalmente.

Em seu livro *How to Read Slowly: A Christian Guide to Reading with the Mind* [Como ler lentamente: um guia cristão para a leitura com a mente], Sire (1978) liga a leitura lenta à religiosidade. Inicialmente eu achei o subtítulo estranho. Por que os cristãos são o público pretendido? Sire reconhece que o conteúdo prático pode beneficiar qualquer um. Por exemplo, ele aconselha o leitor a não se apressar e ler o prefácio e a apresentação de um livro, a ter por perto um dicionário e a ler com um lápis na mão para fazer anotações. Bom conselho. Mas os temas mais profundos de Sire são religiosos. Ele

quer ensinar os leitores a detectar a visão de mundo de um escritor para ver se ela harmoniza-se com o cristianismo. Aconselha o leitor a fazer perguntas filosóficas como, por exemplo, que moralidade se pressupõe? Quando está analisando ficção, o leitor pode examinar se a trama, o tema e os personagens são coerentes com a visão de mundo do autor. E pode complementar sua compreensão com dados biográficos, históricos ou outras informações contextuais. Sensatamente, Sire aconselha o leitor a levar para a leitura uma clara compreensão de si mesmo. O subtítulo, afinal de contas, não é tão estranho, uma vez que a religião lida com questões profundas e a abordagem de Sire é uma alternativa positiva para os extremistas que censuram livros contrários à sua visão de mundo. Mas suas técnicas são úteis para os pensadores de qualquer fé.

Comer livros é uma metáfora recorrente nas discussões sobre slow reading. Bacon usou-a em seu conhecido comentário sobre a leitura:

Alguns livros devem ser degustados, outros, deglutidos, e ainda outros, mastigados e digeridos: ou seja, alguns livros devem ser lidos apenas em partes, outros devem ser lidos mas não com curiosidade, e uns poucos devem ser lidos integralmente e com diligência e atenção (2001).

Nell observa que à medida que o ritmo da leitura cai, os leitores tendem a “subvocalizar”: uma atividade motora da língua que faz parecer que eles estão comendo. “Acontece com uma frase o mesmo

que se dá com um petisco: revirando-a sobre a língua por mais tempo do que exige a mastigação, extraímos seu pleno sabor e valor nutritivo” (1988).

Parece que a mais antiga referência explícita à expressão “slow reading” está no prefácio de Nietzsche para o livro *Aurora*: “Não é a troco de nada que alguém foi filólogo, talvez ainda o seja, o que equivale a dizer: um professor de slow reading” (1997). Nietzsche vê a filologia como uma “especialização na palavra” que exige do leitor a dedicação de tempo para uma boa leitura.

A prática da leitura lenta continua hoje na filosofia e nas humanidades. Muito frequentemente, os religiosos eruditos referem-se aos filósofos existencialistas, particularmente a Heidegger. Pike (2004) comentou a opinião de Heidegger de que “a obra de arte literária exige que nos mobilizemos totalmente – inclusive no que diz respeito às nossas faculdades espirituais e morais – para o evento da leitura” e recomendou isso para o estudo de trechos da bíblia. Outros distinguem entre as abordagens religiosas da leitura e as filosóficas. Smith (2004) afirmou que um tipo de slow reading, por ele chamado de leitura estética, era na verdade limitado quanto ao que podia oferecer para o crescimento espiritual da pessoa.

As práticas modernas de leitura contrastam fortemente com as do passado, quando a leitura era uma habilidade reverentemente praticada por poucos. Se comer um livro simboliza a leitura lenta que se fazia no passado, uma metáfora inversa ajusta-se melhor aos nossos tempos. O crescimento exponencial das

informações no mundo atual envolve-nos, exigindo nossa total atenção, quase contra a nossa vontade. Às vezes parece que a informação nos vai comer.

A nova crítica e a leitura acurada

Não fui aluno de humanidades na universidade e não descobri, naquele período, o tipo de slow reading que a crítica literária chama de leitura acurada. A leitura acurada tem sua origem na Nova Crítica, com a opinião de que é preciso prestar muita atenção ao texto pelos seus próprios méritos, de preferência a apelar para fontes históricas, biográficas e culturais para sua interpretação. Os alunos ingleses, particularmente, aprendem a analisar em profundidade um trecho para extrair as suas camadas de significado.

Deve haver uma razão para eu não ter ouvido falar em leitura acurada fora do âmbito das humanidades. Os debates sobre o tema da leitura acurada são quase esotéricos. Na Nova Crítica, os críticos profissionais distinguem variantes entre as culturas americana e inglesa (Murray, 1991). Outras escolas de crítica literária objetam que a leitura acurada encobre as ideias políticas que circulam num plano mais profundo do que o das intenções do escritor. A Nova Crítica também contrasta com a Crítica da Reação do Leitor, sendo que ambas as abordagens se concentram nas reações subjetivas de quem lê, e não no texto em si (por exemplo, Mial & Kuken, 2002). Quem não está inteirado da questão, não se interessa muito por esses debates.

Às vezes, no meio acadêmico, a leitura acurada é tratada como uma prática profissional com técnicas altamente recomendadas. Elder e Paul (2004) definiram quatro níveis estruturados de leitura acurada, com o objetivo de atingir a mente do autor. Os alunos aprendem a parafrasear e analisar o texto usando perguntas específicas e exercícios. O aprendizado desse método exige uma ampla instrução e muita prática.

Os estereótipos mostram os leitores de literatura como um grupo de elite, que usa técnicas cujos resultados dificilmente incluem o prazer na leitura. Assim, a leitura acurada torna-se uma prática profissional, e não um ato voluntário. Tudo isso é suficiente para afastar o leitor que tenha curiosidade pela leitura acurada como recreação. Não deveria ser assim. Muitas vezes, os acadêmicos protegem artificialmente sua disciplina com a abstração. Oz (1999) queixa-se de que os literatos estão fazendo o mesmo que a sua professora de educação sexual fazia no sétimo ano: esquecem-se de dizer aos alunos que a prática é muito prazerosa. “Eles castram o prazer de ler – só um pouco – para que ele não atrapalhe; para que nos lembremos de que a literatura não é brincadeira e, de modo geral, que a vida não é um piquenique”.

Em *Para ler como um escritor* (2006), Prose mostra como usou a leitura acurada para ensinar os alunos a escrever. Ela estava preocupada com a possibilidade de que muitos alunos achassem a leitura uma coisa estressante. Em minha opinião, a

leitura acurada fornece-nos um modo de evitar esse estresse. Todos nós começamos como leitores acurados, diz ela, aprendendo a ler ouvindo palavra por palavra, frase por frase, ditas pelos que leem para nós. Sua opinião coincide com a pesquisa de Carver (1990) sobre o “*rauding*” [leitura corrente], que alia o processo de ler para compreender ao de ouvir para falar. Na opinião de Prose, a leitura acurada é absolutamente natural.

O livro de Prose começa com a análise de palavras isoladas: “Chamá-la de ‘vovó’ a reduz imediatamente ao seu papel na família”. Depois ela passa para frases – “uma palavra ou frase pode ser eliminada sem sacrificar algo essencial?” – e então para parágrafos, depois personagens e assim por diante. A essência da técnica é simplesmente desacelerar e fazer perguntas.

Para Prose, a leitura acurada é prazerosa; é por isso que dá bom resultado como técnica de ensino. Ela fala sobre como se divertia estabelecendo padrões e fazendo conexões na sua leitura até mesmo quando era bem jovem. Seu livro foi recebido com muito entusiasmo. Dando a ela o devido crédito, Grimes (2006) afirma que o trabalho pesado de ler como processamento de informações é um retorno à “pura felicidade da experiência da leitura na infância [...] quando o tempo, misericordiosamente, para”. A prática é chamada de leitura acurada, leitura lenta ou leitura profunda, mas o nome não importa. Qualquer variante da leitura lenta pode ser usada para aumentar a compreensão e o prazer da leitura.

Slow reading com os jovens

A slow reading foi herdada da religião e das humanidades, o que a faz ser vista como uma prática somente para leitores adiantados. Essa percepção vem sendo contestada por professores que estão inovando a prática com o uso de técnicas de slow reading para ensinar as habilidades da leitura e da escrita e o eterno prazer de ler a alunos de todas as idades

Metzger (1998) ficou preocupada porque seus alunos do ensino médio não estavam aprendendo a entender textos difíceis. Depois de pesquisar e experimentar uma série de técnicas, ela descobriu o que a estava preocupando. Modificou uma pedagogia conhecida como Seminário Socrático – uma discussão centrada nas possíveis interpretações de um texto curto. A modificação introduzida levou um grupo de alunos a observar como outro grupo compreende o texto. “Por outras palavras, os alunos concentram-se tanto em como estão lendo quanto no que estão lendo.” Metzger admite que, embora a técnica não possa fazer todos os alunos gostarem de ler, ela lhes dá as habilidades necessárias para compreenderem um texto difícil.

Numa versão anterior da sua técnica, Metzger dirigiu a discussão a um grupo de alunos. Ela concorda com o feedback dado por eles de que a discussão flui melhor quando eles próprios a dirigem. Duke (1982) concentra-se explicitamente nesse tema, exortando os professores a “incentivar os

alunos a descobrirem sozinhos o significado de um texto, usando a linguagem do texto e sem a intervenção desnecessária do professor". Os exemplos incluem notas de periódicos e leitura oral. Essa opinião indica que a leitura lenta deve ser voluntária para oferecer a melhor qualidade de experiência de leitura. Aplicar uma técnica com recomendação enfática ou forçar de algum modo a leitura contraria a *slow reading*; até certo ponto, para ser leitura lenta ela precisa ser voluntária.

Reler é uma técnica comum usada na leitura acurada. Galef (1998) investigou a releitura de textos narrativos, inclusive literatura infantil. Ele examinou como as perspectivas mudam depois da primeira leitura e as distorções surgidas com a repetição. Ao examinar os ganhos e perdas que resultam da releitura, ele observou que "a releitura tem muitas alegrias, mas o suspense não é uma delas. A expectativa o substituiu". Faust & Glenzer (2000) também usaram a releitura na sala de aula. O título do artigo foi sugerido pelo testemunho dos alunos pequenos: "*I could read those parts over and over*" [Eu poderia ler esses trechos muitas vezes]. Os alunos perceberam prontamente que reler literatura é como ver filmes e ouvir música mais de uma vez.

Outro método inovador é a leitura performática. Em vez de ler para os alunos um solilóquio de Hamlet ou de fazê-los ler sentados à carteira, Lindblom (2005) usou métodos performáticos nas aulas de inglês. "A performance acontece quando os alunos examinam atentamente um texto e usam

a voz e o corpo para explorar as sutilezas das palavras do autor”. Lindblom chamou isso de “leitura acurada em posição de pé”, e os alunos adoraram. A leitura performática exige que o “ator” processe o texto de modo mais profundo, por exemplo, imaginando como se sente o personagem.

O sucesso da slow reading na sala de aula leva a uma expansão do seu significado. Fica claro que a leitura lenta é útil e divertida para pessoas de todas as idades. Inovações como a leitura performática estendem a noção de slow reading para qualquer coisa que aprofunde o processamento de um texto pelo leitor.

A natureza voluntária da slow reading

Os profetas podem obedecer às ordens divinas de consumir livros e os professores podem precisar de técnicas recomendadas para leitura acurada, mas os indícios obtidos com as crianças são de que um esquema voluntário é a essência da slow reading.

Examinando a capacidade de ler e escrever no mundo de hoje, Krashen (2004) afirma que poucas pessoas são completamente incapazes de ler e escrever. Mais exatamente, a crise moderna tem relação com as exigências cada vez maiores com relação à capacidade de ler e escrever. As pessoas leem e escrevem, mas não o fazem com a devida habilidade. A solução que ele recomenda é a leitura voluntária livre (LVL):

JOHN MIEDEMA

LVL significa ler pela vontade de ler. Não há relatório sobre o livro, não se fazem perguntas no final do capítulo e não se pesquisa cada palavra nova. A LVL significa refugar um livro de que não gostamos e escolher outro em seu lugar. É o tipo de leitura que as pessoas com alta capacidade de ler e escrever fazem o tempo todo.

Seu método contrasta com a instrução direta que implica o desenvolvimento da habilidade e a correção do erro, e a sua pesquisa mostra que a LVL permite uma compreensão melhor e aumenta as habilidades de escrita. Krashen não fala especificamente em *slow reading*, mas seu foco sobre o aspecto voluntário da leitura é fundamental para a ideia. Que as pessoas leiam do modo como querem ler, pois com isso se tornarão melhores leitoras.

O papel do voluntarismo é claro quando se contrasta a leitura lenta com a leitura dinâmica. Esta implica métodos que elevam o ritmo da leitura, como por exemplo a eliminação da tendência de “subvocalizar” durante a leitura. Associa-se às técnicas desenvolvidas por Evelyn Wood (por exemplo, Frank, 1992). O essencial no conceito de leitura dinâmica é ler o mais rápido possível, mas leitura lenta não é o oposto. *Slow reading* não significa ler o mais lentamente possível. Uma pessoa saboreia cada palavra enquanto a outra passa os olhos pelo texto, desacelerando apenas em alguns trechos. Um livro pode ser lido rapidamente e relido anos depois para que se tenha uma nova percepção graças à maturidade. *Slow reading* pode implicar debater com

o texto, por assim dizer, ou buscar novos materiais para contextualizar. A variabilidade e o controle pessoal são fundamentais para a leitura lenta. Ler lentamente significa exercer sua escolha com relação a como você vai ler, em vez de ser forçado a ler o mais rápido possível. Essa liberdade traz de volta o prazer da leitura.

A natureza pessoal da slow reading

No exemplo da leitura na sala de aula, a definição de slow reading foi ampliada para incluir o que quer que aprofunde a relação do leitor com um texto, o que quer que empregue mais as faculdades da pessoa quando ela lê. Segundo essa definição, a slow reading inclui o leitor adiantado que pega um livro difícil. Ela inclui o leitor de uma história local que lhe provoca uma cascata de lembranças. Inclui também o leitor aprendiz que luta ferozmente com a cartilha. A estas alturas, deve estar claro que a leitura lenta está aberta para qualquer leitor.

Os benefícios da slow reading podem vir de uma série imprevisível de materiais de leitura. Prose volta sempre a alguns escritores: Joyce, Tolstói, Nabokov, etc., mas não é preciso ler obras artísticas para se ter uma experiência profunda de leitura. Em sua pesquisa sobre a leitura lúdica, Nell (1988) surpreendeu-se por constatar que quase metade dos seus leitores lúdicos, que se descrevem como viciados em leitura, classificam como “lixo” metade das suas leituras prazerosas. Nell contesta a “falácia elitista” – a crença de que os gostos mais grosseiros

definham com o crescimento da sofisticação”. Ele rejeita a distinção entre leitores sisudos e leitores entusiasmados, e eu concordo com ele. Embora pareça-me perfeitamente plausível afirmar que alguns livros têm melhor qualidade que outros, não se pode dizer que a história ou a ideia desencadeará os processos psicológicos profundos ligados à leitura lenta.

A indecisão quanto a que livro irá satisfazer a uma pessoa constitui uma dificuldade para os bibliotecários que orientam o leitor. O bibliotecário defronta-se com o enorme volume de material de leitura disponível atualmente. Sutherland (2006) observa que toda semana se publicam mais romances do que os que Samuel Johnson teve de examinar durante uma década inteira. O autor imagina a espantosa disponibilidade de livros que haveria se tudo estivesse on-line e também prevê o dilema de como escolher entre os bons e os ruins. Embora a disponibilidade de livros aumente a probabilidade de que exista um livro para satisfazer à necessidade específica do leitor lento, ela reduz a probabilidade de encontrá-lo. Lembrando Sócrates, Sutherland aconselha o leitor a “conhecer o sabor”, precavendo-o contra as manobras mercadológicas que os editores fazem nos títulos, e apresenta outros conselhos sensatos que devem ser úteis para os bibliotecários e os leitores. Em última instância, contudo, ele concorda com Virginia Woolf, para quem ninguém pode orientar ninguém sobre leitura. Esse é o princípio da incerteza da biblioteconomia.